



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ROZIANY PEREIRA DA SILVA

**A VARIAÇÃO FONOLÓGICA NO DISCURSO ORAL DE MORADORES DA
REGIÃO DE SOUSA - PB**

Cajazeiras - PB

2017

ROZIANY PEREIRA DA SILVA

**A VARIAÇÃO FONOLÓGICA NO DISCURSO ORAL DE MORADORES DA
REGIÃO DE SOUSA - PB**

**Monografia apresentada ao Curso de
Letras-Licenciatura em Língua Portuguesa
da Unidade Acadêmica de Letras do Centro
de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina Grande.**

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth
de Lima Arrais**

Cajazeiras - PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S586v Silva, Roziany Pereira da.
A variação fonológica no discurso oral de moradores da região de Sousa - PB / Roziany Pereira da Silva. - Cajazeiras, 2017.
43p.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais.
Monografia (Licenciatura em letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Sociolinguística. 2. Variação fonológica. 3. Análise de discurso. 4. Rotacismo. I. Arrais, Maria Nazareth de Lima. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

ROZIANY PEREIRA DA SILVA

A VARIAÇÃO FONOLÓGICA NO DISCURSO ORAL DE MORADORES DA
REGIÃO DE SOUSA - PB

Monografia apresentada ao Curso de
Letras - Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande.

Aprovado em: 18 / 04 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Maria Nazareth de Lima Arrais

Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais (Orientadora)

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Hérica Paiva Pereira

Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira (Membro)

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Abdoral Inácio da Silva

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva (Membro)

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

À minha mãe Creusa Felix da Silva.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me dar forças e capacidade para não desistir do que parece impossível aos meus olhos e por iluminar nessa caminhada.

À minha mãe Creusa Felix da Silva e ao meu pai Espedito Pereira da Silva, pelos exemplos de honestidade e responsabilidade.

À minha família de modo geral, pois, de certa forma, tudo que fiz ou faço envolve a presença de todos.

Às minhas amigas Mônica Oliveira, Maria de Lourdes dos Santos Dias, Carla Lucena, Ana Célia, Aldiene, Aldeci e Simone pela paciência, amizade, força e companheirismo.

Aos meus colegas da universidade pela vivência dos bons e maus momentos de nossa vida acadêmica.

Aos meus professores da educação básica, em especial minhas professoras de português, pelos ensinamentos e motivações que me fizeram buscar a vida acadêmica.

A todos os meus professores do curso de Letras por tantos conhecimentos compartilhados e momentos de aprendizagem. Meu muito obrigada a todos.

À minha orientadora, professora Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais, por toda paciência, compreensão, atenção, amizade, companheirismo, por acreditar na minha capacidade e por ser um exemplo de pessoa e profissional.

Aos enunciadores dos discursos que serviram de *corpus* para minha a pesquisa, pela disponibilidade e boa vontade em colaborar.

Em fim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho.

As línguas não se desenvolvem, não progridem, não decaem, não evoluem, nem agem de acordo com nenhuma das metáforas que implicam um ponto final específico ou um nível de excelência. Elas simplesmente mudam, como as sociedades mudam.

(BAGNO, 2007, p.188)

RESUMO

Os fenômenos relacionados à linguagem envolvem valores que estão interligados à cultura, crenças, fatos sociais e linguísticos. Esse conjunto de elementos formam partes que constituem uma sociedade, comunidade ou grupo de pessoas. Tais elementos estão diretamente ligados aos aspectos sociolinguísticos. Essa pesquisa prioriza a variação fonética e especificamente o metaplasmo conhecido como rotacismo que, devido estar constantemente presente no discurso oral, passou a ser considerado como uma variação estável, muito comum nos discursos daqueles que possuem baixo grau de escolaridade. Por este viés, esta pesquisa tem como objetivo analisar discursos orais de moradores do município de Sousa-PB, a fim de perceber a variação fonética ali presente. E como objetivos específicos: compreender os conceitos básicos da Sociolinguística interacionista, levantar discursos orais espontâneos de moradores do município de Sousa-PB; identificar os metaplasmos conhecidos como rotacismo presentes nos discursos selecionados como *corpus*; e refletir sobre a influência da escolaridade nos discursos proferidos pelos sujeitos colaboradores. Para tanto, a teoria embasadora para esta investigação é a Sociolinguística Variacionista. O universo e *corpus* da pesquisa foram constituídos de três discursos orais de moradores pertencentes a uma mesma comunidade conhecida como Assentamento Zequinha, região de Sousa/PB. A metodologia de pesquisa é etnográfica, de abordagem tanto quantitativa quanto qualitativa. Os resultados obtidos com a análise dos discursos evidenciaram que do total de 138 metaplasmos, presentes nos discursos, 22 são rotacismos. Dos três discursos analisados nessa pesquisa, o metaplasmo rotacismo sugere está diretamente ligado ao modo de se comunicar das pessoas dessa comunidade, passando a ser um hábito constante na fala desses habitantes.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação fonológica. Metaplasmos. Rotacismo.

ABSTRACT

The phenomenon related to languages involves values connected to culture, beliefs, social and linguistics facts. This group of elements form parts that constitute a society, community or group of people. Such elements are directly linked to sociolinguistics aspects. This research prioritizes the phonetic variation and specifically the metaplasm known as rhotacism, due to being constantly present in the oral speech, came to be regarded as stable variation, very common in the speeches of those that possess low education degree. By this bias, the goal of the survey is to analyze the oral speech of the residents of the Sousa-PB city, in order to realize the phonetic variation present there. the specific objectives: To understand the basic concepts of the sociolinguistic interactionism, to raise spontaneous oral discourses of residents of the Sousa-PB city; identify the known metaplasms as rhotacism presented in the selected speeches as corpus; and reflect on the influence of the schooling in the speech uttered by the collaborating subjects. For so much, the theory that bases this investigation is Variationist Sociolinguistic. The corpus and research field were constituted by three orals speeches of residents belonging the same community known as Assentamento Zequinha, in Sousa/PB area. The methodology of the research is ethnographic, with approach both quantitative and qualitative. The results obtained with analysis of the speeches evidenced that of the total of 138 metaplasms present in the discourses, 22 are rhotacisms. Of the three discourses analyzed in this research, the rhotacism metaplasm suggests is directly connected to the way people communicate in this community, becoming a constant habit in the speech of these inhabitants.

Keywords: Sociolinguistic. Phonological variation. Metaplasms. Rhotacism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 SOCIOLINGUÍSTICA	12
2.1 ORIGEM E CONCEITO	12
2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	16
2.3 VARIAÇÃO FONOLÓGICA	19
2.4 METAPLASMOS	20
3 METODOLOGIA	24
3.1 TIPO DE PESQUISA	24
3.2 LEVANTAMENTO E SELEÇÃO DO CORPUS	24
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA	26
3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	26
3.5 CATEGORIAS E CRITÉRIOS DE ANÁLISE	26
4 ANÁLISE DOS DISCURSOS ORAIS DE MORADORES DA REGIÃO DE SOUSA-PB.	27
4.1 ENTRE OS METAPLASMOS, OS ROTACISMOS	27
4.2 O ROTACISMO E O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS ENUNCIADORES	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	37
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	38
ANEXOS	39
ANEXO A - DISCURSO “A”: MARTA	40
ANEXO B - DISCURSO “B”: GILSON	41
ANEXO C - DISCURSO “C”: NELSON	42

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é uma das capacidades que o ser humano utiliza para manter a interação no meio social. Ao lado da linguagem, a oralidade se faz presente em praticamente todas as instâncias de comunicação e em variadas situações comunicativas. O discurso oral varia de acordo com as particularidades de cada falante.

Os fenômenos relacionados à linguagem envolvem valores que estão interligados à cultura, crenças, fatos sociais e linguísticos. Esse conjunto de elementos formam partes que constituem uma sociedade, comunidade ou grupo de pessoas. Tais elementos estão diretamente ligados aos aspectos sociolinguísticos.

Cada pessoa ou comunidade tem uma forma única de utilizar o discurso oral, como ferramenta principal para estabelecer uma comunicação e adequar sua linguagem à determinada situação de interação. A variação linguística pode apresentar fatores externos ou sociais, pertencentes à cultura, faixa etária, sexo e grau de escolaridade que influenciam na forma de expressão de cada indivíduo. E os fatores internos que são de natureza linguística, morfológicas, fonéticas, fonológicas e lexicais (MOLLICA & BRAGA, 2010).

Essa pesquisa prioriza a variação fonética e especificamente o metaplasmo conhecido como rotacismo, que devido estar constantemente presente no discurso oral, passou a ser considerado como uma variação estável, muito comum nos discursos daqueles que possuem baixo grau de escolaridade.

Com base nessas reflexões, o questionamento elaborado para esta pesquisa foi: como se apresenta a variação fonética no discurso oral de moradores da região da cidade de Sousa-PB? Partimos, portanto, do pressuposto de que a forma de linguagem oral é bastante variada, dando uma ideia de erro aos desavisados e alguns outros muito ligados à gramática normativa.

Nossa hipótese é que processos de metaplasmo chamados de rotacismo em que ocorre a alternância do [l] por [r] estão muito presentes no discurso oral de moradores da região de Sousa-PB, em especial daqueles que ou não frequentaram a escola ou pouco frequentaram, conservando, em razão disso, uma variação clássica próxima do latim.

Na intenção de responder ao questionamento, traçamos como objetivo geral: analisar discursos orais de moradores da região da cidade de Sousa- PB, a fim de perceber a variação fonética ali presente. E como objetivos específicos: compreender os conceitos básicos da Sociolinguística interacionista, levantar discursos orais espontâneos de moradores da cidade de Sousa- PB; identificar os metaplasmos conhecidos como rotacismo presentes nos

discursos selecionados como *corpus*; e refletir sobre a influência da escolaridade nos discursos proferidos pelos sujeitos colaboradores.

Para tanto, a teoria embasadora para esta pesquisa é a Sociolinguística variacionista e não a Fonologia como possa parecer. Da fonologia só nos interessa o recorte que nos ajuda a explicar a variação fonológica como parte da variação linguística interna à língua, e nesta apenas os processos de metaplasmos conhecidos como rotacismo.

Esta é uma pesquisa etnográfica que como afirma Godoy (1995) faz uma abrangência descrita dos eventos que circundam a vida de um grupo, dando ênfase às estruturas sociais e comportamentais desses sujeitos enquanto participantes de um grupo e a interpretação desses eventos.

O universo de pesquisa é constituído por três discursos orais de pessoas pertencentes à zona rural da região de Sousa- PB. São duas pessoas, membros da mesma comunidade, do sexo masculino e uma do sexo feminino. Os recursos utilizados na coleta dos dados para a análise foram caderno, caneta e gravador de celular.

O universo de pesquisa é constituído de três discursos, ambos selecionados para análise. O levantamento e a seleção do *corpus* se deram pelo grau de intimidade com os colaboradores da pesquisa e por serem pertencentes à mesma comunidade, o que facilitou o acesso e à autorização para fazer as gravações dos discursos.

Os instrumentos de pesquisa foram: uma entrevista não sistematizada e um questionário. O primeiro para levantar os discursos entre os quais selecionamos o *corpus* e o segundo para caracterizar os sujeitos colaboradores.

As categorias de análise são os metaplasmos tendo como subcategoria, e principal objeto de estudo, o fenômeno denominado rotacismo.

Como critérios de análise do *corpus*, elaboramos os seguintes questionamentos:

1 É possível observar a presença dos metaplasmos nos discursos orais selecionados como *corpus*? E nestes a presença dos rotacismos?

2 Qual a relação entre o rotacismo e o nível de escolaridade dos enunciadores do discurso?

Embora este trabalho não tenha sido submetido ao conselho de ética, cumpriu mesmo que informalmente todas as exigências. A escolha pela não submissão tem razão no curto prazo para o desenvolvimento da pesquisa. Somos, portanto, consciente de que a análise não poderá ser publicada, no entanto, nada impede que a teoria possa.

Para melhor apresentar a pesquisa, o texto está estruturado em três capítulos centrais. O primeiro capítulo aborda alguns direcionamentos acerca da variação linguística fonológica

sobre as quais discorreremos e exemplificamos alguns casos. E dentro desta variação, seguimos relatando sobre os metaplasmos, tipos e ocorrência como foco principal do nosso trabalho.

No segundo capítulo, apresentamos a metodologia adotada na construção do trabalho: aqui detalhamos o tipo de pesquisa que é etnográfica e busca um direcionamento aproximado com a realidade; apresentamos como se deu o levantamento do *corpus*; a caracterização dos sujeitos da pesquisa; os instrumentos utilizados; e as categorias e critérios de análise.

No terceiro capítulo consta a análise dos discursos selecionados como *corpus*. Trata-se de analisar a presença da variação fonológica, o metaplasmo de transformação em que aparece o fenômeno conhecido como rotacismo.

O trabalho também está constituído por esta introdução, na qual apresentamos temática, questionamentos de pesquisa, objetivos, antecipamos pontos da metodologia e as principais partes que constituem a pesquisa. Há ainda as considerações finais em que elencamos os resultados obtidos com a análise dos dados pesquisados e, por último, temos as referências, apêndices e anexos.

2 SOCIOLINGUÍSTICA

2.1 ORIGEM E CONCEITO

A sociolinguística, segundo Mollica e Braga (2010, p. 9) é uma das “subáreas da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades da fala, voltando sua atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”.

A sociolinguística teve sua origem na constatação da importância da fala, uma vez que se preocupava em observar os fenômenos linguísticos em sua abrangência dialetal e variacional, buscava verificar o funcionamento da língua e quais os fatores que influenciam as mudanças linguísticas.

Coelho (2010) esclarece que a sociolinguística teve origem basicamente no século XX, meio século depois do domínio das correntes estruturalistas. Na década de 1960, as ideias da sociolinguística ganham força, defendendo uma a noção de língua como um fator dinâmico e social, variando conforme fatores sociais de forças externas.

Sobre a origem da sociolinguística, Borstel escreve:

[...] a partir das primeiras reflexões da Teoria Variacionista de William Labov, a Sociolinguística constitui um estudo científico que prima pela relação língua e sociedade, mostrando que o fenômeno linguístico sofre a influência dos aspectos sociais, culturais, identitários, econômicos, étnicos, religiosos e políticos. (BORSTEL, 2014, p. 4).

Significa dizer que a proposta da Sociolinguística Variacionista foi fundada principalmente sobre as pesquisas do linguista estadunidense William Labov que buscava compreender os fenômenos da língua, variação e mudança linguística. Foram desenvolvidas várias pesquisas voltadas para o estudo da língua em seu contexto social, especialmente no campo da variação fonológica da língua inglesa.

Labov (2008 apud COELHO, 2010, p. 42) desenvolveu pesquisas voltadas para a conexão entre língua e sociedade, com o objetivo de identificar variações existentes na língua oral por meio de estudos considerados como fatores extralinguísticos, tais como classe social, idade, sexo, escolaridade, entre outros que pudessem expressar a dependência entre o conteúdo linguístico dos falantes e o meio social do qual fazem parte.

Nas ideias defendidas por Labov (Ibid., p. 25) ressalta o fato de a variação ser considerada inerente às línguas está condicionado à noção de heterogeneidade. As línguas são consideradas como sistemas heterogêneos, então a variação pode ser considerada como sendo

sistematizada ou organizada, pois os indivíduos de uma comunidade se comunicam mesmo com a presença das diversas variações linguísticas.

Foi em 1963 que Labov publicou o modelo de análise sociolinguística, chamado de “teoria da variação linguística” que está focalizado no princípio da existência de uma ciência da linguagem social. O autor buscava coletar dados de situações reais de comunicação da língua em uso no contexto social.

Segundo Coelho (2010) a pesquisa empreendida por Labov (2008) em 1963 realizou-se na ilha Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (EUA), investigando o inglês falado naquela ilha, verificando por intermédio da Teoria da Variação, e empregando um método inédito para destacar o importante papel dos fatos sociais na interpretação da variação linguística.

Esse método foi chamado de teórico-metodológico e tinha por proposta verificar e interpretar os fenômenos linguísticos no contexto social por intermédio de pesquisas estatísticas. Para Labov (2008), a variação está presente em todas as línguas naturais humanas, é inseparável do sistema linguístico, acontece na fala de uma comunidade ou grupo e também na fala de uma pessoa em particular.

Labov (2008) define a variável sociolinguística, fazendo uma relação entre uma variável não linguística no contexto social, falante, interlocutor, público e ambiente. As variáveis sociolinguísticas mais desenvolvidas, ele irá chamar de “marcadores” e “exibem não somente distribuição social, mas também uma diferenciação linguística”. (LABOV, op. cit., p.276).

Sobre as pesquisas sociolinguísticas no Brasil, Coelho informa que:

No Brasil, as pesquisas na área da Sociolinguística laboviana tiveram início na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na década de 1970, sob a orientação do professor Anthony Naro. Desde então, as linhas de pesquisa que se ocupam da descrição de fenômenos variáveis no português do Brasil (PB) se multiplicaram, espalhando-se pelas diferentes regiões do país. (COELHO, 2010, p. 23).

Para Fiorin (2012, p.135), “fazer análises quantitativas de dados linguísticos é a palavra de ordem da sociolinguística variacionista”, que pressupõe coleta de dados através de pesquisa e gravações de conversas entre falantes de determinado local em busca de elementos ou fenômenos para se construir o *corpus* do trabalho.

No foco principal da sociolinguística estão os empregos linguísticos, em especial os heterogêneos. Como Mollica e Braga (2010), estudiosa da sociolinguística na vertente interacionista aplicada à sala de aula, descreve que as áreas de interesse da sociolinguística

são muitas, começando pelo contato entre línguas, questões relativas ao surgimento e extinção da linguística, multilinguismo, variação e mudança. São temas que constituem a área de investigação da sociolinguística.

Esses estudos sociolinguísticos priorizavam os fatores de condicionamentos externos ou sociais, pertencentes à cultura, faixa etária, sexo e grau de escolaridade que influenciam na forma de expressão de cada indivíduo. Junto aos fatores externos ou sociais, surgiam também investigações sobre os aspectos internos que são de natureza linguística, morfológicas, fonéticas, fonológicas e lexicais (MOLLICA & BRAGA, 2010).

Nesse sentido, Bagno (2007, p. 79), a sociolinguística mostra que “onde tem variação linguística sempre tem avaliação social”.

Nossa sociedade é profundamente hierarquizada e, em consequência disso, todos os valores culturais, bens simbólicos que nela circulam também estão dispostos em escalas hierárquicas que vão do “bom” ao “ruim”, do “certo” ao “errado”, do “feio” ao “bonito” etc. E entre esses valores culturais e bens simbólicos está à língua, certamente o mais importante deles. (BAGNO, op. cit, p. 79, grifo do autor).

Bagno (2007) ainda afirma que o objeto central da Sociolinguística é a relação entre a heterogeneidade social e heterogeneidade linguística “língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra.” (Ibid., p, 39).

O autor relata que para os sociolinguistas seria impossível estudar a língua sem estudar a sociedade em que essa língua é falada. Para se estudar a sociedade, é preciso levar em consideração as relações que as pessoas e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem.

Segundo Bortoni-Ricardo (2014, p.145), na sociolinguística os aspectos são:

De natureza macrossociais, existe na Sociolinguística uma vertente voltada para a organização da interação comunicativa, para a qual muitos contribuíram os estudos Erving Goffman [1922-1982] e de Jonh Gumperz [1922-2013]. Trata-se de vertente mais tardia que a Sociolinguística Variacionista, ou mesmo que a Etnografia da comunicação, e que veio a se denominar Sociolinguística interacional.

A autora discorre acerca desta corrente que manteve traços com esta disciplina que evoluiu a partir da análise contextual e da Etnografia e foi chamada de microetnografia. Esta corrente se ocupa, segundo Garcez (1997 apud Bortoni-Ricardo, 2014, p. 145) “[...] da ecologia local e situada que ocorre entre participantes engajados em interações face a face, construindo experiência social e histórica”.

Assim, os estudiosos Erving Goffman e Jonh Gumperz contribuíram para os estudos acerca da sistematização e normatização das interações face a face. Essa vertente da sociolinguística é a interacionista que surgiu com esses autores, depois da sociolinguística variacionista.

Para caracterizar a sociolinguística interacionista, Figueroa (1994 apud Bortoni-Ricardo, 2014, p. 146) descreve como “um campo interdisciplinar caudatário de múltiplos avanços sociolinguísticos” que mantiveram certa tradição decorrente da coerência discursiva. Bortoni-Ricardo (2014), refletindo as posições de Gumperz, distingue a sociolinguística interacionista da laboviana, explicando que a interacional defende o pressuposto da interação humana como sendo constitutiva da realidade enquanto a variacionista, as regras e categorias sociais preexistem e estabelecem preceitos que influenciam os usos linguísticos.

Para a autora “A interação humana é, portanto, constitutiva dos papéis sociais considerados como um conjunto de prerrogativas e de deveres em um determinado domínio sociais” (Ibid., p.147).

Depois da interacionista, vem Bortoni-Ricardo (2014) primando por uma sociolinguística escolar. Esta surgiu com o intuito de acompanhar o desempenho escolar de crianças constituintes de grupos étnicos, poder econômico baixo e em que a cultura oral predomina. Sobre isso, Bortoni-Ricardo (Ibid., p.157) discorre sobre o desenvolvimento da sociolinguística em dois princípios pautados que são: “O relativismo cultural e a heterogeneidade linguística inerente e sistemática”.

O relativismo cultural segundo Bortoni-Ricardo (op. cit., p. 157) afirma que “nenhuma língua ou variedade de língua, em uso em comunidades de fala, deveria ser considerada inferior ou subdesenvolvida, não obstante o nível da tecnologia ocidental que aquela comunidade tenha alcançado”.

E a heterogeneidade inerente que está na raiz da sociolinguística postula que a língua natural é marcada pela variação não é assistemática, os recursos oferecidos pelas línguas naturais possuem uma estrutura sistematicamente organizada, tornando a comunicação entre falantes mais eficiente e produtiva.

Bortoni-Ricardo (Ibid., p. 158) denomina a “sociolinguística educacional o esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas”. Segundo a autora, para enriquecer os resultados dessas pesquisas são incorporados ao paradigma de estudos sociolinguísticos quantitativos e qualitativos, subsídios enriquecedores de áreas como pragmática, linguística do texto, linguística aplicada e a análise do discurso.

É importante pontuar, de acordo com Bortoni-Ricardo (2014, p.158), que no Brasil, além de problemas de deficiências na educação, também há as questões decorrentes de falas construídas por leitores “aligeirados” de textos que fazem parte da área da sociolinguística. E uma das crenças desses leitores diz respeito aos professores não intervirem na correção dos erros gramaticais. Esta é uma orientação questionável, segundo a autora que acrescenta que linguistas buscavam assim mostrar uma visão menos preconceituosa da variação linguística, defendiam que as variantes que não seguem o padrão formal da língua, por isso não podiam ser consideradas como erros, mas como diferenças produzidas “na modalidade oral e em estilos não monitorados”. Assim a escola compreendeu esse pensamento de forma equivocada e que se as variantes não são erros, então não deveriam corrigir os alunos para não criar neles uma insegurança linguística.

2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação linguística, segundo Bagno (2007, p. 38), “é a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez e instabilidade”. Bagno (2007) considera a variação linguística como sendo um “estado natural” das línguas, diversificada e passível de transformação. Daí porque o autor afirma que “O conceito de variação linguística é a espinha dorsal da sociolinguística.” (BAGNO, 2007, p. 39).

No contexto da variação linguística, encontramos as variantes externas à língua que estão correlacionadas aos fatores como gênero, idade, etnia, aos fatores sócios geográficos como regiões, escolarização, classe social e profissão, como também as variantes internas à língua que correspondem a todos os níveis que a língua apresenta: fonético-fonológica; morfológica; sintática; semântica; lexical; e estilístico-pragmática. (BAGNO, 2007).

Bagno (2007) contrapõe a variação linguística com a norma-padrão. Esses são os dois grandes polos que compõem, segundo Bagno (op. cit., p. 39), a realidade linguística. “Dizer que a língua apresenta variação significa dizer, mais uma vez que ela é heterogênea.” Heterogênea na concepção de língua múltipla e variável. A sociolinguística postula que a variação não é aleatória e nem caótica, pelo contrário, é estruturada e condicionada por diferentes fatores sejam eles linguísticos ou de ordem social. Segundo Bagno:

A heterogeneidade ordenada tem a ver, então com essa característica fascinante da língua: o fato dela ser altamente estruturada, de ser um sistema organizado e, sobretudo, um sistema que possibilita a expressão de um mesmo conteúdo

informativa através de regras diferentes, todas igualmente lógicas e com coerência funcional. (Ibid., p.43).

Bagno (2007) aponta que a variação linguística não ocorre somente no ato da fala dos indivíduos de comunidades ou certos grupos sociais. Mostra-se presente também em comportamentos linguísticos de cada falante da língua. Isso dependerá da forma como nos comunicamos individualmente de acordo com a situação de interação encontrada pelo falante.

Para o autor, a linguagem está sempre presente no decorrer de nossa existência. Seja formal ou informalmente, necessitamos da linguagem para estabelecermos contatos com nossos interlocutores em diversas situações. Bagno explica que:

Essa situação pode ser de maior ou menor formalidade, de maior ou menor tensão psicológica, de maior ou menor pressão do(s) interlocutor(es) e do ambiente, de maior ou menor insegurança ou autoconfiança, de maior ou menor intimidade com a tarefa comunicativa que temos a desempenhar etc. (Ibid., p.45).

Bagno (2007) enfatiza que cada situação dessas vai exigir do falante, um determinado tipo de comportamento, postura e atitudes e, em consequência, também terá grande influência no seu comportamento verbal. A todos esses fatores são atribuídos o conceito de “monitoramento estilístico” que significa uma escala contínua, que vai do grau mínimo ao grau máximo.

Essa escala, dependendo da abordagem de cada fator apresentado, dá ao usuário a escolha que ele julgar conveniente para transmitir seu pensamento em certas circunstâncias conforme a situação em que vai ser empregado o uso da fala. Isso também faz referência ao ato da escrita: não se escreve um bilhete para uma pessoa do nosso convívio íntimo da mesma forma que se escreve uma carta direcionada a algum tipo de autoridade ou interesse profissional.

Os sociolinguistas, afirma Bagno (2007), apontam que não existem falantes de estilo único, que todo e qualquer falante varia na sua maneira de falar e monitora mais ou menos seu comportamento verbal. E que isso funciona de forma independente de seu grau de instrução, classe social, sexo, faixa etária entre outros. É uma forma de comportamento adquirido rapidamente no seu convívio social.

Logo depois do primeiro conceito postulado pela sociolinguística de “monitoramento estilístico”, é apresentado outro conceito importante: o de variedade linguística, que é um dos muitos “modos de falar” uma língua. São diferentes formas de manifestação da fala em uma

língua. Envolvem fatores de origem social, regional, idade, sexo, cultura, classe social e grau de escolaridade entre outros.

A variedade linguística é classificada, para Bagno (2007), em dialeto que é a forma particular do uso da língua em determinada localidade, região ou província. Socioleto que é a variedade linguística comum em determinado grupo de falantes que compartilham das experiências socioculturais. Cronoleto, variedade que é determinada pela faixa etária e geração de falantes. Por fim, temos o idioleto que é o modo característico de um indivíduo, independentemente do outro, expressar-se por meio da fala.

Segundo Bagno (2007), as regras da língua que não apresentam variação, são conceituadas como regras categóricas, pertencentes ao conjunto linguístico de uma determinada comunidade de falantes, de regiões, classes sociais etc. As regras que apresentam variação são chamadas de variáveis.

Bagno (2007) explica que o termo variável é conceituado como um elemento da língua que se realiza de formas diferentes. Cada realização possível de uma variável é chamada de variante e é definida como uma maneira diferente de se dizer a mesma coisa de forma variada, mas com o mesmo sentido.

Para Labov (2008), a variação social apresenta traços da língua caracterizada por subgrupos numa sociedade heterogênea, e a variação linguística é entendida como mudanças pelas quais o falante adapta sua linguagem ao contexto da fala. Segundo o autor,

Ambas estão incluídas no comportamento “expressivo”- o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística. (LABOV, 2008, p. 313, grifo do autor).

Esses são alguns direcionamentos de Labov na questão do estudo da variação linguística no contexto social, levantando questões relevantes sobre a variação social e estilística e o papel que ambas desempenham na mudança linguística e os traços característicos que constituem a fala de determinados grupos na sociedade.

Labov (Ibid., p. 188) afirma que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. O autor também enfatiza que, “membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (Ibid., p. 225).

Bagno (2007) apresenta a variação linguística, de acordo com os aspectos externos à língua, da seguinte forma: diatópica está relacionada à comparação entre os modos de falar de lugares diferentes como grandes regiões, estados, zona rural e urbana e áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades; diastrática refere-se à comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais; diamésica relaciona-se à comparação entre a língua falada e a língua escrita; diafásica é quando ocorre a variação estilística, ou seja, o uso diferenciado que cada falante faz da língua, de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal; diacrônica relaciona-se à comparação entre diferentes etapas da história de uma língua.

Esta pesquisa acolhe fatores externos à língua com base nos aspectos: faixa etária, sexo, nível de escolaridade, profissão, ambiente de convivência e classe social, apenas para caracterizar os sujeitos colaboradores, uma vez que o foco são fatores internos à língua: a variação fonológica que se dar pelas diversas formas de pronúncias de algumas palavras e envolve acréscimo, supressão, transposição ou transformação de fonemas.

2.3 VARIAÇÃO FONOLÓGICA

A variação fonológica acomete os segmentos sonoros que, por sua vez, nem sempre se realizam da mesma maneira, gerando uma variação linguística. A variação fonológica faz parte dos aspectos internos à língua e ocorre pelas diversas maneiras em que algumas palavras podem ser pronunciadas.

Mollica e Braga (2010, p. 74) atentam para as variações no espaço fônico em que ocorrem diversas variações fonéticas e são comuns esses dois termos terem mais de duas variantes numa mesma variável. Por exemplo: p[e]xe ~ p[e]xe, p[r]ástico ~ p[l]ástico. Dessa forma, é possível notar que existam diferentes realizações fonéticas para uma unidade fonológica dentro de uma mesma comunidade.

Assim, é possível notar a sonoridade diferente de uma mesma palavra em regiões diferentes, evidenciando as variáveis linguísticas, embora as autoras ressaltem que: “diferentes pronúncias correspondem a diferenças dialetais, recebendo o rótulo de variação, mas não podem ser interpretadas como uma variável linguística” (Ibid., p.75). A realização das variantes de uma variável fonológica sofre uma ligação influente do ambiente fonético.

São introduzidos no campo de atuação das variáveis fonológicas efeitos de uma mesma natureza. Como entendimento para esse fenômeno, são apresentados processos que

afetam as variantes líquidas que são as do grupo C//, supressão da vibrante do grupo C/r/, alçamento vocálico e a ocorrência das variantes fonéticas conhecidas como rotacismo. (MOLLICA & BRAGA, 2010).

Também temos no contexto fonológico, o item lexical que afeta as unidades sonoras da língua e que apresentam outros tipos de condicionamentos característicos e passam a adotar também condicionamentos extralinguísticos, referentes a aspectos culturais, fronteiras naturais e artificiais.

Nesse contexto, Fiorin (2012) atenta para a variação dos sons e de como as falas podem ser diferenciadas. Segundo o autor:

Na variação fonética na verdade, é comum termos mais de duas variantes numa mesma variável [...] E quando falamos de variação fonética, é sempre provável que existam outras variantes, além daquelas mais obviamente perceptíveis e marcadas no lugar em que são usadas. (FIORIN, 2012, p.123).

A citação faz referência à situações como a ênfase das pronúncias do R, por exemplo, que pode ser pensado de formas especiais, seja no final dos verbos na forma infinitiva (ex. cantar) ou na forma como ele é pronunciado em regiões diferentes (ex. cantá). Assim, é possível notar que são constituintes de uma variável linguística e que, embora pronunciadas de maneiras diferentes, veiculam um mesmo sentido.

São muitos os processos de variação fonológica, por exemplo: metaplasmos por acréscimo; metaplasmo por supressão; metaplasmo por transposição e metaplasmo por transformação. Nesta pesquisa, damos ênfase aos metaplasmos por transformação, em que ocorre o fenômeno denominado de rotacismo, que será discutido no próximo tópico.

2.4 METAPLASMOS

O latim clássico segundo (BAGNO, 2007) era denominado de língua sintética, pois buscava explicar as funções sintáticas das palavras através das desinências, já o latim vulgar era uma língua analítica, pois exprimia funções sintáticas das palavras pela ordem delas no sintagma e uso de elementos como artigos e preposições.

Bagno (2007, p.8) afirma que “segundo a Gramática histórica do latim ao português brasileiro um metaplasmo é uma mudança na estrutura de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta”. Na evolução do latim

para o português, podemos notar a presença de alguns metaplasmos que resultou em transformações regulares de algumas palavras, por exemplo, *stella* > estrela; *spiritu* > espírito, entre outros vários.

Esses processos não se restringem as transformações que a língua sofreu na passagem do latim para o português, mas são eventos resultantes das transformações fonéticas que podemos verificar na língua atual e, estes continuam agindo e transformando a língua portuguesa.

Na concepção de Coutinho (2011), metaplasmos são modificações fonéticas que os vocábulos sofreram ao longo da sua evolução. Essas transformações acontecem pela troca, acréscimo, supressão de fonema e ainda pela transposição de fonema ou acentuação. E são divididas em metaplasmo por transformação; metaplasmo por aumento; metaplasmo por subtração; e metaplasmo por transposição.

Alguns exemplos de metaplasmos em relação à evolução do latim para o português são, segundo Bagno (2007), *stare* > estar; *spiritu* > espírito; *scutu* > escudo. E em relação à oralidade no português: voar > avoar; lembrar > alembrar; sentar > assentar; repugnar > arripunar; pois > apois etc. Esse fenômeno é chamado de metaplasmo por acréscimo ou aumento porque ocorre o acréscimo de um segmento sonoro no início, no meio ou no fim da palavra (Prótese, Epêntese e Paragoge).

Ainda na *Gramática Histórica do latim ao português* (BAGNO, 2007), temos o metaplasmo por supressão, em que ocorre a supressão de um segmento sonoro no início, no meio ou no fim da palavra, denominados, respectivamente de aférese, síncope e apócope. São exemplos desses processos: *acume* > gume; *ainda* > inda; (aférese); *bêbado* > bebo; *legenda* > lenda (síncope); *mare* > mar; *cantar* > cantá (apócope); etc. Temos também o uso da crase, em que duas vogais se unem em uma só, a exemplo de *nudu* > nuu > nu; *door* > dor. E, ainda, a queda da vogal no final de uma palavra, denominada de sinalefa ou elisão, que podemos exemplificar com: *outra + hora* > outrora; *de + ex + de* > desde etc.

No metaplasmo por transposição ocorre o deslocamento de um segmento sonoro ou o deslocamento do acento tônico da palavra. Por exemplo, o processo de metátese, *semper* > sempre; hipétese; *capiro* > caibo. Em nossa língua atual, podemos destacar como metátese: *lagarto* > largato; *dormir* > dromir. Em relação ao acento tônico, temos o deslocamento do acento, exemplos: *refém* > réfem, denominado de sístole; *rubrica* > rubrica, denominado de diástole. E no latim, como processo diacrônico, *idólu* > ídolo; *océanu* > oceano. (BAGNO, 2007).

Por ultimo é apresentado o metaplasmo por transformação, em que temos a ocorrência da vocalização que é a transformação de uma consoante em vogal, a exemplo de *nocte* > *noite*; a consonantização que ocorre à transformação de uma vogal em consoante: *uita* > *vida*; nasalização, transformação de um segmento oral em nasal, por exemplos: *exagiu* > *ensaio*; e desnasalização, o segmento nasal passa a ser oral, por exemplo, *luna* > *lũa* > *lua*; *homem* > *home*.

No processo de sonorização ocorre a transformação de uma consoante surda em uma consoante sonora, por exemplo, *uita* > *vida*; *caecu* > *cego*, no latim; já na língua atual, podemos estacar *cuspir* > *guspir*; e *constipado* > *gustipado*. Na despalatização, há uma transformação de segmentos em consoantes palatais. Segundo, Bagno, no latim não existia consoantes palatais e as existentes no português são decorridas destas transformações:

[ne, ni] + vogal > // (grafada NH): *vinea* > *vinha*; *aranea* > *aranha*[...]. [le, li] + vogal > /ʎ/ (grafada LH): *palea* > *palha*; *folia* > *folha*[...]. [de, di] + vogal > // (grafada J): *video* > *vejo*; *hodie* > *hoje*[...]. [pl, kl, fl] > /t/ (grafada CH): *pluvia* > *chuva* pronúncia atual: // *implere* > *encher* [...]. [kl, pl, gl, tl] mediais *oculu* > *oclu* > *olho* > /ʎ/ (grafada LH): *apicula* > *apecla* > *abelha*[...]. [ske, ski, se, si] > // (grafada X): *pisce* > *peixe*; *passione* > *paixão*[...]. [si] + vogal > // (grafada J): *basium* > *beijo*; *caseum* > *queijo*[...]. (BAGNO, 2007, p. 11).

Na assimilação ocorre a transformação de segmentos sonoros em uma consoante sibilante, por exemplo, *capitia* > *cabeça*; *audio* > *ouço*; *judiciu* > *juízo*. Já a assimilação transforma um segmento sonoro igual ou semelhante em outro existente na mesma palavra, por exemplo, *ipso* > *isso* (latim); *viste* > *visse*; *fizeste* > *fizesse*; *foste* > *fosse* (língua atual).

Na dissimilação ocorre à diferenciação de um segmento sonoro quando existe igual ou semelhante, por exemplo, *liliu* > *lírio*; *memorare* > *membrar* > *lembrar* no latim; já na língua atual, podemos destacar: *pílula* > *pírula*; *estrambótico* > *estrambólico*. Na metáfora há a alteração do timbre ou altura de uma vogal, por exemplo, na língua atual *direito* > *dereito*; *diferente* > *deferente*; *semente* > *simente*; e no latim, *totu* > *tudo*; *feci* > *fizi* > *fiz*; *décima* > *dízima*. (BAGNO, 2007).

Ainda no metaplasmo por transformação, há o rotacismo, em que ocorre a alternância do fonema /l/ em /r/ na relação formalidade informalidade da língua portuguesa. Na transformação ao longo do tempo do latim ao português, podemos exemplificar, por exemplo, *igreja* > *ecclesia*; *brando* > *blandus*. É um fenômeno que ocorre com frequência na língua portuguesa, exemplos: *blusa* > *brusa*; *alface* > *arface*; *flamengo* > *framengo*; *almoço* > *armoço*; *problema* > *probrema* etc.

Como a conversa espontânea se caracteriza, entre outros aspectos, pela informalidade, basta uma percepção superficial e podemos notar no nosso cotidiano a presença de outros metaplasmos como: tá > está; to > estou; cabeleireiro > cabelelero; home > homem; muier > mulher; bandeja > bandeija; ainda > inda; Vamo > vamos; poco; pouco; vassoura > bassoura, entre tantos outros presentes em muitos discursos orais proferidos ao longo dos dias. Às vezes nem notamos, mas eles estão cada vez mais dentro de nossa fala.

Esta é uma razão por que Mollica e Braga (2010), em relação aos segmentos sonoros, explicam que nem sempre se realizam da mesma forma, pois estão propensos a variações, dependendo do contexto que ocupam e da variedade a que o falante pertence. As autoras reiteram que os metaplasmos são recorrentes na oralidade e podem ocorrer tanto na fala de pessoas sem escolaridade como em pessoas escolarizadas.

Ainda de acordo com Mollica e Braga (2010), uma das variantes fonéticas que mais afetam as unidades sonoras da língua é o metaplasmo conhecido como rotacismo que se caracteriza pela alternância do [l] ~ [r], por exemplo, blusa/brusa, o qual deixou de ser um processo de mudança, passando a ser uma variável estável, devido ser bastante utilizado na língua. Segundo as autoras, trata-se de um processo de evidências históricas, a exemplo de “igreja (ecclesia) brando (blandus)” também o apagamento de [r], como em “rosto (rostru)”.

As autoras explicam que uma variável fonológica pode sofrer influências do ambiente fonético, como também de outros condicionamentos linguísticos e não linguísticos. Em relação à oralidade, em nossa língua portuguesa, podemos também citar exemplos que são resultados desta transformação como: bicicleta/bicicreta, problema/probrema, chiclete/chicrete, caldo/cardo etc.

A discussão proferida tanto por Bagno (2007) quanto por Mollica e Braga (2010) apresenta pontos semelhantes principalmente no que se refere ao processo fonético denominado de rotacismo e que consta como nosso principal objeto de estudo e pesquisa.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa se caracteriza por dar enfoque ao estudo de campo, elemento mais característico da pesquisa etnográfica. Isto porque, na pesquisa etnográfica, “O pesquisador deve ter uma experiência direta e intensa com a situação em estudo, visando à compreensão das regras, costumes e convenções que orientam a vida do grupo sob observação.” (GODOY, 1995, p. 26).

Trata-se de um processo pelo qual visa uma aproximação mais detalhada da realidade, auxiliando diretamente no tratamento realista do convívio social. A etnografia é uma forma de pesquisa que está diretamente associada à pesquisa qualitativa, no entanto, não impede que dados sejam quantificados. Portanto, temos uma pesquisa quanti-qualitativa de base etnográfica. Ao lado disso, a pesquisa segue uma abordagem tanto quantitativa quanto qualitativa.

3.2 LEVANTAMENTO E SELEÇÃO DO *CORPUS*

Foi levantado um universo de três discursos orais de pessoas pertencentes à zona rural da região de Sousa- PB. Foram dois colaboradores, membros da mesma comunidade, do sexo masculino sem nenhum nível de escolaridade e uma do sexo feminino com ensino médio completo. Foram cinco encontros: o primeiro no dia, 06/11/16, o segundo no dia 04/12/16, o terceiro dia 25/12/2016, o quarto dia 08/01/2017 e o quinto dia 05/02/17.

Todos demonstraram interesse e aceitaram serem colaboradores da pesquisa. No início da pesquisa, foi difícil para compreenderem o papel de colaborador da pesquisa e a necessidade de permitir que os discursos fossem gravados. Como critérios de transcrição dos discursos, usamos as seguintes normas apresentadas no quadro a seguir:

Quadro-1 Normas para transcrição de discursos

[[= falas simultâneas
[= sobreposições de vozes
[] = sobreposições localizadas
(1.8) ou (2.5) = pausa maior
(+) = pausa menor
() = dúvidas e suposições
/ = truncamentos bruscos
MAIÚSCULA = ênfase ou acento forte
: := alongamento de vogal
(()) = comentários do analista
----- = silabação
“ ‘ , = sinais de entonação
“ = subida rápida
‘ = subida leve
, = descida leve ou brusca
Repetições = reduplicação da letra ou sílaba
Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção = eh, oh, ih : : , mhm, ahã, etc.
... ou /.../ = indicação de transcrição parcial ou de eliminação.

Fonte: (MARCUSCHI, 2003, p. 11-13).

Foi necessário nos adequarmos à situação de comunicação de cada um para que eles pudessem compreender e só então poder participar mais nas gravações. Alguns explicaram que falavam daquela forma por não ter tido a oportunidade de estudar, outros disseram que é a forma como a maioria na comunidade fala, por isso, às vezes também se expressam igualmente. Essa preocupação com a forma de dizer foi tranquilizada pela pesquisadora que disse para ficarem à vontade.

Os recursos utilizados na coleta dos dados para a análise foram caderno, caneta e gravador de celular. O caderno e caneta para anotações de datas e informações extras e o gravador do celular para coletar os discursos dos colaboradores. Durante os encontros foram gravadas as conversas informais dos falantes com consentimento deles que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O universo de pesquisa foi constituído de três conversas que também constituíram o *corpus* para análise.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com pessoas de uma mesma família, naturais da cidade de Sousa, no estado da Paraíba, habitantes de um sítio pertencente a tal região, denominado de Assentamento Zequinha. Foram selecionadas três pessoas para colaborar com a pesquisa. Dois colaboradores do sexo masculino e um do sexo feminino. Os três receberam nomes fictícios, a fim de preservarmos a identidade deles.

Marta foi a primeira colaboradora, com idade de 35 anos, agricultora, possui o ensino médio completo e tem renda de R\$ 880,00, mora com o marido e dois filhos.

Gilson foi o segundo colaborador, do sexo masculino, com a idade de 58 anos, agricultor, tem renda familiar de R\$ 880,00 e, embora saiba ler e escrever, nunca frequentou a escola. Mora com a mulher e ajuda a criar cinco netos.

Nelson foi terceiro colaborador também do sexo masculino, com idade de 63 anos, nunca frequentou a escola, não tem nenhum tipo de conhecimento em relação à escrita, embora faça uma eficiente leitura da sua realidade social, econômica e política. Mora com a esposa. São aposentados rurais com renda familiar de 1.760,00.

3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Os instrumentos de pesquisa foram: uma entrevista informal e um questionário. A entrevista foi feita de maneira informal, para que os participantes pudessem utilizar-se de fatos de seu cotidiano e experiências vivenciadas no passado. O questionário foi elaborado para a caracterização dos sujeitos em relação à idade, sexo, condição econômica, local de origem e nível de escolarização. Foi constituído por cinco questões fechadas e abertas.

3.5 CATEGORIAS E CRITÉRIOS DE ANÁLISE

As categorias de análise são os metaplasmos, cujas subcategorias são os rotacismos.

E como critérios de análise, elaboramos os seguintes direcionamentos:

1 É possível observar a presença dos metaplasmos nos discursos orais selecionados como *corpus*? E nestes a presença dos rotacismos?

2 Qual a relação entre o rotacismo e o nível de escolaridade dos enunciadores do discurso?

4 ANÁLISE DOS DISCURSOS ORAIS DE MORADORES DA REGIÃO DE SOUSA-PB.

4.1 ENTRE OS METAPLASMOS, OS ROTACISMOS

Esta primeira parte da análise segue o critério 1 em que questionamos: É possível observar a presença dos metaplasmos nos discursos orais selecionados como *corpus*? E nestes a presença dos rotacismos? Tal critério e momento de análise intenta atender ao segundo objetivo específico: identificar os metaplasmos conhecidos como rotacismo presentes nos discursos selecionados como *corpus*.

Para tanto, inicialmente, em tabelas, fizemos um levantamento de todos os metaplasmos que pudemos identificar em cada discurso oral para, em seguida, focalizarmos somente os rotacismos que é o ponto de interesse de nossa pesquisa. Vejamos os metaplasmos presentes no discurso de Marta.

Tabela A – Discurso do participante “A” Marta¹

Metaplasmo	Posição	Fenômeno	Exemplos	Quantidade
Acréscimo	Início da palavra	Prótese		0
	Meio da palavra	Epêntese		0
	Fim da palavra	Paragoge		0
Supressão	Início da palavra	Aférese	tá/ está	2
	Meio da palavra	Síncope	dificudade/dificuldade; resovidu/resolvido;	3
	Fim da palavra	Apócope	mai/mais; mei/meio; ajeitá/ajeitar; começa/começar; corrê/correr; difici/difícil; dizê/dizer	11
	Entre palavras	Elisão		0
Transposição	Sílabas diferentes	Hipértese		0
	Mesma sílaba	Metátese		0
Transformação		Desnasalação		0
		Dissimilação		0
		Rotacismo	probrema/problema; bicicreta/bicicleta	7
		Lambdacismo		0
		Ditongação		0
		Monotongação	distância/distância	1
		Metafonia	porque/porque; tivi/tive	2
		Nasalação		0
		Palatização	muier/ mulher	1
		Sonorização	rente/gente	3
	Despalatização		0	
TOTAL:				30

OBS.: As palavras repetidas foram consideradas como apenas uma ocorrência

Fonte: Dados da pesquisa.

¹ Anexo A

Com base na Tabela A, podemos observar que o metaplasmo Rotacismo se apresenta de forma bastante acentuada e até mesmo sendo bastante repetitivo no discurso da participante Marta. Em relação às demais ocorrências de metaplasmos, o Rotacismo é o segundo fenômeno mais destacado depois do metaplasmo denominado de Apócope.

A mesma estratégia foi empregada para verificação dos metaplasmos no discurso de Gilson. Vejamos:

Tabela B – Discurso do participante “B” Gilson²

Metaplasmo	Posição	Fenômeno	Exemplos	Quantidade
Acréscimo	Início da palavra	Prótese	assuletrar/ soletrar	1
	Meio da palavra	Epêntese	aufereçu/ofereço; dificuldade/difículdade	3
	Fim da palavra	Paragoge		0
Supressão	Início da palavra	Afêrese	to/estou; pra/para; ta/esta	3
	Meio da palavra	Síncope	memo/mesmo; outros/outros; otras/outras; fia/filha	5
	Fim da palavra	Apócope	mai/mais; depoi/depois; difici/difícil; vô/vou; acabô/acabou; iscrevê/escrever; começa/começar	17
	Entre palavras	Elisão		0
Transposição	Sílabas diferentes	Hipértese		0
	Mesma sílaba	Metátese	preguntar/perguntar; praque/porque	3
Transformação		Desnasalação		0
		Dissimilação		0
		Rotacismo	teclado/teclado; tecradista/tecladista; resorve/resolve; praca/placa	6
		Lambdacismo	aplender/aprender	5
		Ditongação		
		Monotongação	troxe/trouxe; sanfonero/sanfoneiro; distânça/distância	3
		Metafonia	ondi/onde; iscrevê/escrever; sufrido/sofrido; insinar/ensinar; istudadu/estudado; veve/vive	6
		Nasalação		0
		Palatização	trabaio/trabalho	1
		Sonorização	réi/velho; rente/gente	2
	Despalatização	poquim/pouquinho	1	
TOTAL				55

OBS.: As palavras repetidas foram consideradas como apenas uma ocorrência

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base na Tabela B, observa-se que do total de Rotacismo no discurso enunciado pelo participante Gilson, ocorre em segunda maior quantidade acompanhado pela Metafonia e logo após o metaplasmo conhecido como Apócope.

Como nos demais discursos, a tabela C, segue a mesma estratégia, agora com o discurso enunciado por Nelson.

² Anexo B

Tabela C – Discurso do participante “C” Nelson³

Metaplasmo	Posição	Fenômeno	Exemplos	Quantidade
Acréscimo	Início da palavra	Prótese		0
	Meio da palavra	Epêntese	merdico/médico	1
	Fim da palavra	Paragoge		0
Supressão	Início da palavra	Aférese	ta/esta; pra/para; apaz/rapaz; ocê/você	6
	Meio da palavra	Síncope	memo/mesmo; bebo/bêbado;	4
	Fim da palavra	Apócope	onte/ontem; acabô/ acabou; deixô/deixou; criô/criou; chegô/chegou; finad/finado; chegá/chegar; botô/botou; quisé/quiser; veí/veio	10
	Entre palavras	Elisão		0
Transposição	Sílabas diferentes	Hipértese		0
	Mesma sílaba	Metátese	preguntar/perguntar; Pruque/porque	2
Transformação		Desnasalação		0
		Dissimilação		0
		Rotacismo	compretei/completei; parmatória/palmatória; compretar/completar; pranta/planta; plantei/plantei;	9
		Lambdacismo	palece/parece; quero/quero; caloço/caroço; quelia/queria	4
		Ditongação		
		Monotongação	feirão/feijão; dotor/doutor; dexe/deixe; quato/quatro; otos/outros	6
		Metafonia	iscola/escola; butar/botar; professor/professor; supapu/sopapo; inxada/enxada; burru/burro; sumana/semana; isquerda/esquerda	8
		Nasalação	ingnorange/ignorância	1
		Palatização	trabaia/trabalha; jueio/juelho; mio/milho.	3
		Sonorização		0
Despalatização	carocim/carocinho	1		
TOTAL				53

OBS.: As palavras repetidas foram consideradas como apenas uma ocorrência.

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base na Tabela C, percebermos que o metaplasmo Rotacismo ocupa a segunda posição em maior quantidade representada na tabela, apresentando apenas uma diferença mínima em relação ao metaplasmo Apócope em primeiro.

Dentre os metaplasmos expostos nas tabelas, que estão presentes nos discursos orais de Marta, Gilson e Nelson, filtramos apenas os rotacismos para termos uma visão geral somente do fenômeno que interessa a esta pesquisa. Vejamos a tabela D.

³ Anexo C

Tabela D - Rotacismos

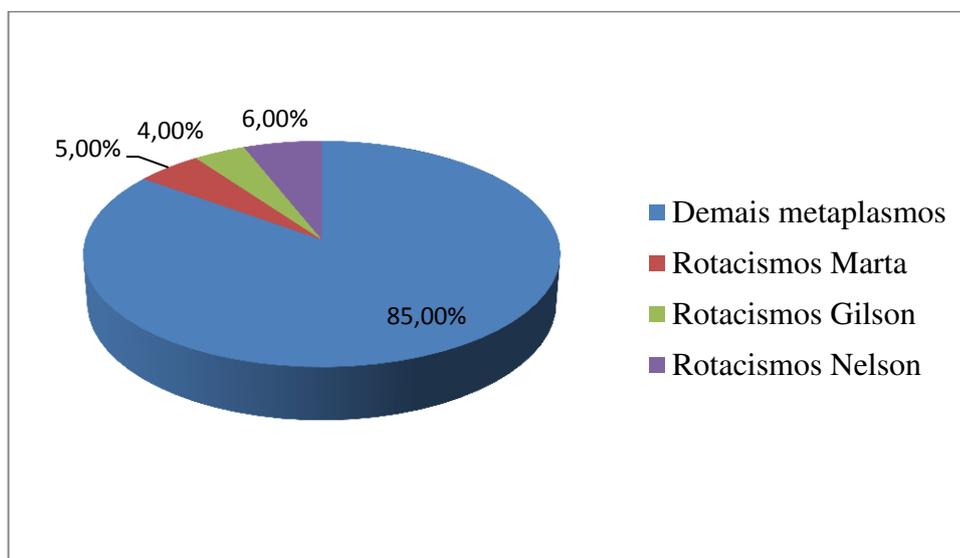
Discursos dos participantes	Quantidade de metaplasmos	Quantidade de rotacismos
Marta	30	7
Gilson	55	6
Nelson	53	9
TOTAL	138	22

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base na tabela D, notamos que, dentro da quantidade de metaplasmos apresentados no discurso de Marta das 30 ocorrências, 7 são rotacismos e do discurso de Gilson dos 55 metaplasmos, 6 são rotacismos e, por último, no discurso enunciado por Nelson, dos 53 metaplasmos apresentados, 9 são rotacismos. Da quantidade total de 138 metaplasmos presentes nos discursos, 22 são rotacismos.

Esses mesmos dados, mostrados em percentuais, podem ser visualizados da seguinte forma.

Gráfico de representação dos dados em percentuais



Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico de representação dos dados em percentuais, podemos visualizar o total dos demais metaplasmos presentes nos discursos e o total de rotacismos encontrados na fala de cada colaborador da pesquisa. Temos então, 85,00% da soma dos demais metaplasmos que são apresentados em todos os discursos, 5,00% somente de rotacismos presentes no discurso

de Marta, 4,00% de rotacismos no discurso de Gilson e 6,00% de rotacismos no discurso de Nelson. Totalizando assim 100,00% de metaplasmos no geral.

4.2 O ROTACISMO E O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS ENUNCIADORES

O rotacismo é um metaplasmo de transformação em que ocorre a alternância ou transformação do fonema /l/ em /r/, por exemplo: bici/cl/eta > bici/cr/eta; /pl/acas > /pra/ cas ; pro/bl/ema > pro/br/ema; te/cl/ado > te/cr/ado; com/pl/ etar > com/pr/etar etc.

No caso específico desta investigação, podemos perceber na forma de comunicação característica da comunidade pesquisada. Observamos que, além de os falantes selecionados serem da zona rural, dois deles sem estudo e com a idade aproximadas, considerados idosos, um deles possui estudo, é influente na comunidade, jovem e, no entanto, também apresenta o rotacismo na linguagem.

Isso mostra a dinamicidade da língua. É preciso deixar claro que são muitos os fatores que condicionam a forma de comunicação e que a variação linguística não está diretamente ligada somente às pessoas que não possuem estudos ou são de condições socioeconômicas desprestigiadas ou por possuir uma idade mais avançada. Claro que são candidatos mais fortes ao uso do rotacismo, mas é preciso lembrar que a variação linguística está presente no cotidiano de qualquer pessoa.

Segundo Bagno (2007, p.73) o fato da transformação de /l/ por /r/ não está diretamente ligada a características de pessoas “socialmente desprestigiadas” como falantes da zona rural, sem estudos ou considerados pobres. O autor analisa de forma ampla este processo, que teve ocorrência, segundo ele, na história da língua portuguesa em que muitas das palavras que apresentam R na escrita hoje, tiveram L na sua origem. Exemplos: blandu (latim); brando (português); clavu (latim); cravo (português) etc.; São exemplos do latim clássico.

O rotacismo, segundo Bagno (Ibid., p. 74):

Trata-se do prosseguimento de uma tendência muito antiga no português (e em outras línguas) que os falantes rurais ou não escolarizados levam adiante [...] muitas palavras com /r/ estão documentadas em textos escritos no português medieval, indício de que, em algum momento da história, elas gozaram de prestígio, antes de serem substituídas (no século XVI, período relatinização) pelas formas com /l/.

Assim o autor discorre que o que pode ser chamado de “erro” tem uma explicação científica ou histórica, uma vez que pode ser considerada de ordem “fonética, semântica, sintática, pragmática, discursiva, etc.”. Tudo na língua tem explicação para os fenômenos que a cometem.

Essa posição de Bagno pode ser comprovada nos discursos apresentados pelos colaboradores da pesquisa. Vejamos que Marta é uma mulher jovem, que possui o ensino médio completo, é agricultora, moradora da zona rural e não possui um *status* financeiro considerado elevado. Ela assume, na comunidade, uma espécie de cargo de liderança em relação às causas sociais. Mesmo escolarizada, em seu discurso, notamos a presença de rotacismos na sua linguagem, mas não apresentando uma porcentagem tão alta.

Gilson, por exemplo, é nascido e criado no campo, não possui nenhum grau de escolaridade, embora tenha desenvolvido a habilidade de ler e escrever sozinho. Também é agricultor com renda econômica baixa, com idade aproximada de 60 anos. No seu discurso, notamos que ele foi quem menos apresentou rotacismos na linguagem, embora tenha sido o participante que mais apresentou metaplasmos no discurso enunciado.

Nelson, por sua vez, também é pertencente à zona rural, é agricultor, tem idade acima dos 60 anos, portanto, já considerado uma pessoa idosa, não tem nenhum grau de escolaridade e apresenta situação econômica um pouco mais elevada do que os outros dois colaboradores. Nelson mostrou-se ser o participante que apresenta um nível de rotacismo na linguagem mais elevado.

Nesse sentido, dentro do que foi estudado nessa comunidade de fala, encerramos essa análise com as ideias de Bortoni-Ricardo (2014) que faz uma ligação ao contexto situacional das falas e que cada comunidade estabelece regras para se comunicar, além de adotarem uma relevância sociossimbólicas. Ou seja, para Bortoni-Ricardo (2014, p.68), “[...] é preciso identificar regras que sejam indicadores de estratificação social ou etnicidade e/ou marcadores de variação estilística”. Segundo a autora, esses são alguns fatores que influenciam o pesquisador ao escolher uma regra para análise.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociolinguística é a ciência que busca estudar a língua e sua ligação com a sociedade, analisando o uso corrente da língua por meio da interação social. Esta ciência relaciona as várias situações e possibilidades comunicativas efetivas que ocorrem em determinados grupos ou comunidades de fala.

Com base na análise quantitativa, totalizamos 138 metaplasmos encontrados nos discursos e, desse total, 22 são rotacismos. Representando em percentuais temos 85,00% de demais metaplasmos e 15,00% de rotacismos, equivalendo aos 100,00% de metaplasmos no total geral encontrado nos discursos dos colaboradores da pesquisa.

A pesquisa evidenciou que os discursos analisados dos colaboradores do Assentamento Zequinha, região de Sousa/PB, mostraram certa tendência ao uso do metaplasmo rotacismo, assim como também outros metaplasmos encontrados ao longo da análise. E, de acordo com o perfil dos participantes, o rotacismo é bastante comum na comunidade e que, para alguns deles, parece ser decorrente da falta de escolarização e, para outros, com estudos seria uma forma condicionada ao ambiente de vivência de ambos.

Como resultados obtidos, evidenciamos que dos três discursos analisados nessa pesquisa aparentemente, o rotacismo está diretamente ligado ao modo de se comunicar das pessoas dessa comunidade, claro que o fator social e grau de escolaridade também contribuem para a ocorrência desse fenômeno, mas por ser algo que perpassa a questão da idade e até mesmo a questão de conhecimento de algumas pessoas. O rotacismo passou a ser um hábito constante na fala desses habitantes.

O questionamento de pesquisa foi respondido, uma vez que os objetivos foram alcançados. Assim também a metodologia adotada foi satisfatória para a realização de todos os procedimentos e, por se tratar de uma pesquisa etnográfica, gerou uma aproximação maior e mais detalhada do objeto e dos colaboradores da pesquisa, permitindo uma visão mais ampla da realidade abordada.

A bibliografia nos permitiu um maior conhecimento da sociolinguística, contribuiu de forma imprescindível para a organização e fundamentação teórica da pesquisa. Os autores utilizados no decorrer do trabalho corresponderam todas as expectativas às quais se esperavam, desde conceitos, exemplos e até mesmo como base para a construção das análises.

Após fazermos a pesquisa, nossa compreensão sobre os metaplasmos, principalmente o rotacismo, foi ampliada e, em meio aos estudos, notamos que existem outros fenômenos

linguísticos, como o aparecimento de outros metaplasmos nos discursos, que podem gerar novas pesquisas acerca do assunto.

Enfatizamos que as análises do *corpus* desta pesquisa sobre o fenômeno rotacismo presente nos discursos dos colaboradores não implica dizer que seja um fato decorrente somente na fala de pessoas com baixo nível de escolaridade e que sim mostra a dinamicidade da nossa língua portuguesa.

Ao realizar esta análise, notamos a grande diversidade de formas de comunicação que a língua permite utilizar, são variedades que não podem ser chamadas de “erro” porque, dentro da variação e do conhecimento que estas pessoas possuem, há concordância, significação, compreensão e, como vimos ao longo da pesquisa, existe uma explicação científica ou histórica para todos os fenômenos linguísticos que nos cercam.

Por fim, esperamos, com esta pesquisa, colaborar para fomentar outros debates, pois somos conscientes de que a temática da pesquisa não se apresenta como discussão concluída, uma vez que toda ciência é incompleta, necessitando de outros olhares e posições concordantes ou discordantes, mas que se mostrem interessados em aprofundar e aperfeiçoar posições.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 49. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. Marcos, **Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro.** Textos compilados, condensados e adaptados, Brasília: Universidade de Brasília, 2007, p. 1-73.
- BORSTEL, Clarice Nadir Von. Sociolinguística: teoria, método e objeto em pesquisas in loco. **Web-Revista SOCIODIALETO**, Campo Grande/MS, v. 4, n. 12, p. 504-523, mai. 2014. Disponível em: [www.http/sociodialeto.com.br](http://www.sociodialeto.com.br). Acesso em: 18.dez.2016.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.
- CANDIDO, Evelyn Coutinho Rother; BARROS, Adriana Lúcia Escobar Chaves de. Sociolinguística: variação e mudança na língua falada e escrita. **Avepalavra**, Campo Grande/MS, ed. 19. , p. 1-13, 1.semestre.2015. Disponível em: [www2.http/unemat.br](http://www2.unemat.br). Acesso em: 7.dez.2016.
- COELHO, Izete Lehmkuhl, **Sociolinguística.** Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica.** Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- FIORIN, José Luiz (Org). Título. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais.** São Paulo: Revista de Administração de Empresas, 1995.
- JÚNIOR, Silvio Nunes da Silva; OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima. Abordagem conversacional do rotacismo, **Web-Revista SOCIODIALETO**, Campo Grande/MS, v. 5, n. 14, p. 96-110, nov. 2014. Disponível em: [www.http/sociodialeto.com.br](http://www.sociodialeto.com.br). Acesso em: 4.nov.2016.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação.** 5 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico,** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1 Perfil do colaborador da pesquisa.

Idade:

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 20 a 30 anos | <input type="checkbox"/> 50 a 60 anos |
| <input type="checkbox"/> 30 a 40 anos | <input type="checkbox"/> + de 60 anos |
| <input type="checkbox"/> 40 a 50 anos | |

2 Sexo:

- | | |
|-----------------------------------|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Feminino | <input type="checkbox"/> Masculino |
|-----------------------------------|------------------------------------|

3 Escolaridade:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Nunca estudou | <input type="checkbox"/> Ensino médio completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo | <input type="checkbox"/> Graduação completa |
| <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Graduação incompleta |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto | |
| <input type="checkbox"/> Outro. Qual? _____ | |

4 Local de origem:

- | |
|--|
| <input type="checkbox"/> Zona Rural. Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Zona Urbana Qual? _____ |

5. Renda familiar:

- Até 880,00
- Até 1.760,00
- Até 2.640,00
- Acima de 2.640,00

Obrigada.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no Trabalho de Conclusão de Curso “A VARIAÇÃO FONÉTICA NO DISCURSO ORAL DOS MORADORES DA REGIÃO DE SOUSA/PB”, coordenado pela aluna Roziany Pereira da Silva, Estudante da Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras – PB. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo analisar discursos orais de moradores da cidade de Sousa - PB, a fim de perceber a variação fonética ali presente.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: responder a um questionário e terá seu discurso gravado. Os riscos envolvidos com sua participação são: **desconforto pelo tempo exigido ou até mesmo constrangimento**. Para que não haja desconforto ou constrangimento, você pode optar por não responder os questionários e as gravações serão compostas por fatos de seu cotidiano, sem que lhe cause prejuízos. Os benefícios da pesquisa serão: O conhecimento e a importância da linguagem e o reconhecimento dos fenômenos presentes nos discursos enunciados.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a aluna Roziany Pereira da Silva, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Roziany Pereira da Silva
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande – CFP - UAL
Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, Casas Populares, Cajazeiras - PB
Telefone: (83) 9-8136 - 5352
E-mail: anysilva270@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

_____, ____ de _____ 2017.

Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal.

Roziany Pereira da Silva

ANEXOS

ANEXO A - DISCURSO “A”: MARTA

Marta: /.../ oi mulherzinha! tudu bom?

Marta: /.../ tá indo (+) tá bem (+) graças a Deus! (+) tudu na paz

Marta: /.../ muiher a situação é a merma aqui (+) pra começá o o o problema nós tamu com uma dificudadi danada na construção dessas casas aí (1.8) as casa de taipa num é mai pra ex ex existir aqui. Ai a rente num sabe pra onde corrê/

Marta: /.../ fizeram três de alvenaria (+) mai num sai assim faci/ aí teve reunião lá em cima (+) tivi que ir de bicicleta uma DISTANÇA da molesta daqui pra lá (+) muito difici (+) mai dá pra rente ir se virandu/ meu transporte é a bici ci ci bicicleta/ aí (1.8) cheguei lá (+) pra ajuda lá com uns problemas (+) mai oh povo difici da molesta/

((Fala pausadamente))

Marta: /.../ é é é eu façu parte da da da diretoria lá (+) a rente tenta ajeitá lá (+) amenizar a situação de muitos (1.8) a leitura do pessoal aqui é poca (+) aí quando você vai jogá uma dificuldade (+) um problema” pra ser resovidu fica (1.8) PI::OR/ o problema lá nu mei de todú fica pior/

((Fala nervosamente))

Marta: /.../ justamente o povo cria mai problema ainda/ porque cada um quer dizé uma coisa e cada um quer o melhor e acaba chegando a nenhum acordu”/ vira um auê lá (+) uma confusão danada /.../

ANEXO B - DISCURSO “B”: GILSON

Gilson: /.../ agora eu to por aqui praque num tivi pra ondi eu ir (+) mai depoi que minha mãe morreu pra mim isso aqui (1.8) acabô/

Gilson: eu eu eu num tem pra onde ir não” eu eu eu num vô saí de um cantu memo sofrido(+) quem nem nós veve aqui (+) para pra ir si socar em casa de fí de irmão (+) dá trabáio aos otos.

Gilson: /.../ pelo meno meu nome (+) minha fia eu sei iscrevê (+) eu sei lê um poquim (+) memo sem tê istudadu (+) mai quem foi plimeiramente um professor foi Deus (+) e segundu (+) eu pegava um jornal e assuletrava uma letra aqui ota acolá (1.8) pur isso (+) eu lê ainda um poquim/

Gilson: Num sendu uma carta difici (+) embaraçada eu lê ela toda (+) sendu uma carta boa (+) uma caligrafia boa (+) eu lê ela/

Gilson: /.../ eu chegu na capital João Pessoa (+) eu entru em toda rua, pra eu me perder num num num rua daquela não (2.5) praque a rente lê uma praca a rente sabe aonde é que tá/

Gilson: (dúvidas) chegu num hospital (+) quem nem eu chegu em João Pessoa (+) resorvu tudo (+) num pregunto (+) é difici eu preguntar a uma pessoa (+) se tem pracas em frente ao hospital dizendo (+) a rente chega lá e e e resorve o que vai atrás nos hospital/

Gilson: /.../ e hoje (1.8) memo assim já ficano rei (+) paim acha graça (+) ((risos)) ele troxe um microfone pra eu (+) ele diz ti ((nome)) tem ainda vontade de aplender uma coisa/

Gilson: Meu fi eu vô (2.5) é praque agora nu momento num posso/

Gilson: Mai vô ver se compru um tecrado pra mim e meu mininu (2.5) aí nem sei de nada ainda (+) e nem ele/ mai quando nós começá a aplender ele vai insinar a eu e eu a ele/

Gilson: /.../ memo assim sem aplender mai eu tenhu vontade/

Gilson: /.../ se eu morasse na cidade de Sousa eu ia enflentar uma dificuldade (+) mai eu ia pagar aula de tecradista pra eu aplender (+) praque lá (+) tem os professor pra insinar/

Gilson: /.../ pra sanfonero (+) eu ia iscuier uma arte dessas lá e ia istudar seis mês lá (1.8) ainda dano aula cum eles lá (1.8) pra eles me dar uma aula (+) me insinano o tecrado (+) me insinano a sonfona /

Gilson: (2.5) é quem nem eu aufereçu a meu mininu aqui (+) mai esses povo novu/

Gilson: aí a rente que mora afastadu da cidade fica difici (+) as coisas (+) fica longe (2.5) pra rente (+) num num num sendu de dentu da cidade (+) se mora na cidade tudo é mai faci (+) a rente mora nessa distança tudo é difici (+) transporte (+) tudo é difici /.../

ANEXO C - DISCURSO “C”: NELSON

Nelson: num fui pra canto nenhum (+) daqui num saí/

Nelson: /.../ me criei aqui (+) e hoji to com 63 ano e só sai daqui (+) quandu for pra cova/ ((risos)). ((nome da pessoa)) chegou ontem dizeno que eu tinha 66 ano (2.5) disse você se inganô viu/ compretei 63 ano na sumana santa (+) mãe me disse/mai é lá no otono a sumana santa você vai compretear /.../ dexe chegá a sumana santa que eu compreto seu DEUS quisé/

Nelson: /.../ apaz eu fui pra iscola (+) mai num deu certo (+) o finad ((nome da pessoa)) veí com ingnorance comigo (+) eu disse umas de coisas com ele logo (+) veí com a parmatoria pra dar na minha mãozinha (+) passei lá mão assim ((gesto)) que a parmatoria foi ficar lá em cima/

Nelson: bom que eu levei uma pise de pai/ levei uma pise danada por cause do véi/

Nelson: digo nem fui e nem vou mai (+) ocê né meu pai pra dar em neu e num fui não (+) praque é que to burru hoje (+) praque num fui não/ num sei nem assinar o nome/

Nelson: /.../ é o cabo da inxada (+) minha leitura (2.5) mininu quando eu vi o finad ((nome de pessoa)) pegá nus meu quato dedu assim ((gestos)) que foi levantano essa mão isquerda assim ((gestos)) eu dei-lhe um supapu na mão do véi a parmatoria foi fica lá na casa do finad ((nome de pessoa)) ta bebo apaz (+) você num me criô não pra dar na minha mão (+) botô uma ruma de mio pra eu sentar em cima (+) butar o jueio em cima/ digo nem fico e você não dar na minha mão/

Nelson:/.../ era professor ele (+) bom todo dexô um monte de gente sabido aqui/

Nelson: nunca mais fui pra iscola dele /.../ fui pra nenhuma mai/

Nelson: /.../ apaz eu prantei (+) o feirão tá que nem bredo/ meu bachio prantei sexta-feire (+) vamo rezar pa pa pa nascer (+) que se não é ota pranta que vou fazer (+) mai a de cá ta boa toda (+) chega ta preta(+), é lasto de feirão com tudo/

Nelson: /.../ eu quero ver ele rolinha pra falar com o merdico pra tirar esse caloços do meu espinhaço aqui, nu dia que veio atrás dos voto de nós eu mostrei a ele (+) e falou com ((nome de pessoa)) oh leve seu ti que vou ajeitar com o dotor pra tirar/ ((nome da pessoa)) veí com a historia que tinha que pagar umas coisas pra tirar/

Nelson: /.../ Ele disse que tinha uma coisinha pra pagar /.../ e eu queria tirar rolinha (+) ante de começar a limpar mato/ é três aqui no espinhaço, mai o que doi mermu é esse aqui ((mostra o local)) é três (+) três carocim e parece que é de massa/

Nelson: /.../ eu tem que tirar isso aqui (+) qui daqui é donde o caba força (+) trabaia/ e eu quero tirar/.../ antes de limpar matu/ /.../ foi gostu meu precisano/.../